Narrativas pessoais: a construção da subjetividade de pessoas negras com albinismo

por Izabella Trindade

Crescer como uma pessoa negra com albinismo é viver entre dois mundos: o da negritude, que às vezes questiona minha identidade, e o da sociedade, que insiste em me enxergar como um corpo estranho. É nesse espaço de tensões e descobertas que construo minha subjetividade —um processo repleto de desafios, mas também de resistência. Essa questão é rica e complexa porque toca em processos identitários que não são apenas individuais, mas também profundamente sociais. O albinismo, enquanto marcador físico, muitas vezes desloca a leitura racial sobre mim, criando um descompasso entre minha autodeclaração e a forma como sou percebida. Isso pode gerar desafios no meu pertencimento, tanto dentro da comunidade negra quanto na sociedade como um todo.

A primeira barreira que enfrentei surgiu dentro da minha própria família. Em lares negros, o nascimento de uma criança albina pode vir acompanhado de dúvidas, mitos e inseguranças. Minha mãe sempre me contou que ouvia perguntas o tempo todo: “Tem certeza de que é sua filha?”, “Isso é uma doença?”, “Como isso aconteceu?”. A falta de informação sobre o albinismo dentro das nossas próprias famílias pode gerar um sentimento inicial de não pertencimento. Mas, ao mesmo tempo, foi dentro da minha família que encontrei o primeiro espaço de acolhimento e fortalecimento.

Na comunidade, o desafio se repetiu. Desde a infância, percebi os olhares de estranhamento e a dificuldade de ser reconhecida como parte do grupo. Na escola, eu era a "diferente". Sempre me perguntavam se eu era negra ou branca e diziam que eu não poderia me considerar negra porque não parecia. O impacto psicológico dessa negação foi profundo, reforçando a ideia de que a negritude é algo exclusivamente visual, quando, na verdade, é uma construção cultural e histórica. Com o tempo, compreendi que racialização e leitura social são processos distintos. Entender isso me ajudou a lidar melhor com esses desafios, mas isso não significa que foi fácil. Quando a forma como os outros me enxergam não reflete a identidade que construí para mim mesma, isso gera frustrações, questionamentos e até a necessidade constante de reafirmação.

Além da questão identitária, a discriminação surgiu de diferentes formas. O racismo não se ausentou diante da minha pele clara; ele se adaptou. Como uma pessoa negra com albinismo, enfrentei insultos, descredibilização e até a fetichização do meu corpo. O olhar da sociedade, que me enxerga como exótica ou uma “raridade”, contribui para uma sensação de deslocamento constante, me transformando em um objeto de observação, e não em uma pessoa com identidade própria. Esse jogo entre invisibilidade e hipervisibilidade reflete o racismo em diferentes camadas. Sobre a pergunta “a leitura social ainda importa?”, para mim, a resposta é sim, porque ela tem um impacto direto na forma como navego o mundo. Se sou lida de uma forma que não condiz com minha identidade, isso pode afetar desde relações interpessoais até oportunidades profissionais. No entanto, com o tempo, aprendi a me apoiar mais na solidez da minha autodeclaração do que na validação externa.

Mas se há desafios, também há resistência. A partir da troca de experiências, do fortalecimento da minha identidade e da criação de espaços de representatividade, encontrei minha voz. Algumas estratégias que me ajudaram nesse processo foram fortalecer minhas referências e redes de apoio, desenvolver uma identidade consciente e segura, educar o meio ao meu redor quando necessário e aceitar a complexidade da minha vivência. Demorei anos para entender que sou negra, independente do que os outros dizem. Minha ancestralidade, minha história e minha vivência provam isso.

Minha subjetividade como uma pessoa negra com albinismo se construiu no enfrentamento das dúvidas, no rompimento com os estereótipos e na reafirmação do meu pertencimento. Mais do que uma questão de aparência, ser uma pessoa negra com albinismo é uma vivência que transcende a pele. A negritude é plural, e só quando reconhecemos sua diversidade podemos construir uma luta verdadeiramente coletiva. O tema da subjetividade das pessoas negras com albinismo é fundamental porque ainda é pouco discutido e, muitas vezes, invisibilizado dentro das próprias pautas raciais. Aprofundar esse debate é essencial para trazer visibilidade, fortalecer identidades e ampliar as formas de pertencimento.